



Câmara Municipal de São Paulo

LIDO HOJE
ÀS COMISSÕES DE:
CONSTITUIÇÃO E J. 15 JUN 1994
EDUCAÇÃO, CULT. E ESP.
FINANÇAS E ORÇAMENTO

PROJETO DE LEI 01 - PL
01-0270/94-9

Institui no âmbito do Município de São Paulo o DIA DE ALLAN KARDEC (Codificador da Doutrina Espírita).

A CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO decreta:


Art. 1º - Institui no âmbito do Município de São Paulo, o DIA DE ALLAN KARDEC (Codificador da Doutrina Espírita), a ser comemorado anualmente, na semana do dia 18 do mês de abril.

Art. 2º - O evento ora instituído passará a constar do Calendário Oficial de Eventos do Município.

Art. 3º - As atividades alusivas à efemeride serão realizadas no Plenário da Edilidade Paulistana.

Art. 4º - As despesas decorrentes com a execução da presente lei, correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Sala das Sessões, 15 de junho de 1.994.


Bruno Feder
Vereador
Líder do Governo

SEÇÃO DE REVISÃO
15 JUN 1994
-DT. 10-

Folha n.º	02	de proc
n.º	270	de 1994
Ed		



Câmara Municipal de São Paulo

JUSTIFICAÇÃO

Na forma regimental, a propositura deve ser acompanhada dos motivos de mérito que fundamentam a adoção da medida proposta.

Em anexo, segue a biografia de ALLAN KARDEC, o homem que deu forma e arcabouço filosófico do Espiritismo.



Folha n.º 03 de proc
n.º 270 de 1994
LD

Câmara Municipal de São Paulo

ALLAN KARDEC

O
LIVRO
DOS ESPÍRITOS

Contendo os Princípios da Doutrina Espírita

Sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas
relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida
futura e o porvir da humanidade

TRADUÇÃO

DE

J. HERCULANO PIRES

Bacharel e Licenciado em Filosofia
pela Universidade de São Paulo

3.ª Edição

Capa de Jô

EDIÇÃO COMEMORATIVA
DO 30.º ANIVERSÁRIO
DA



LIVRARIA ALLAN KARDEC EDITORA

R. D. DUARTE LEOPOLDO, 176

CAIXA POSTAL, 15.190 — Z. P. 12 — SÃO PAULO



INTRODUÇÃO AO LIVRO DOS ESPÍRITOS

Com este livro, a 18 de Abril de 1857, raiou para o mundo a era espírita. Nêle se cumpria a promessa evangélica do Consolador, do Paraclete ou Espírito da Verdade. Dizer isso equivale a afirmar que "O Livro dos Espíritos" é o código de uma nova fase da evolução humana. E é exatamente essa a sua posição na história do pensamento. Este não é um livro comum, que se pode ler de um dia para o outro e depois esquecer num canto da estante. Nosso dever é estudá-lo e meditá-lo, lendo-o e relendo-o constantemente.

Sobre este livro se ergue todo um edifício: o da doutrina espírita. Ele é a pedra fundamental do Espiritismo, o seu marco inicial. O Espiritismo surgiu com ele e com ele se propagou, com ele se impôs e consolidou no mundo. Antes deste livro não havia Espiritismo, e nem mesmo esta palavra existia. Falava-se em Espiritualismo e Neo-Espiritualismo, de maneira geral, vaga e nebulosa. Os fatos espíritas, que sempre existiram, eram interpretados das mais diversas maneiras. Mas, depois que Kardec o lançou à publicidade, "contendo os princípios da doutrina espírita", uma nova luz brilhou nos horizontes mentais do mundo.

Há uma seqüência histórica que não podemos esquecer, ao tomar este livro nas mãos. Quando o mundo se preparava para sair do caos das civilizações primitivas, apareceu Moisés, como o condutor de um povo destinado a traçar as linhas de um novo mundo: e de suas mãos surgiu a Bíblia. Não foi Moisés quem a escreveu, mas foi ele o motivo central dessa primeira codificação do novo ciclo de revelações: o cristão. Mais tarde, quando a influência bíblica já havia modelado um povo, e quando este povo já se dispersava por todo o mundo gentio, espalhando a nova lei, apareceu Jesus: e das suas palavras, recolhidas pelos discípulos, surgiu o Evangelho.

A Bíblia é a codificação da primeira revelação cristã, o código hebraico em que se fundiram os princípios sagrados e as grandes lendas religiosas dos povos antigos. A grande síntese dos esforços da antiguidade em direção ao espírito. Não é de admirar que se apresente muitas vezes assustadora e contraditória, para o homem moderno. O Evangelho é a codificação da segunda revelação cristã, a que brilha no centro da tríade dessas revelações, tendo na figura do Cristo o sol que ilumina as duas outras, que lança a sua luz sobre o passado e o futuro, estabelecendo entre ambos a conexão necessária. Mas assim como, na Bíblia, já se anunciava o Evangelho, também neste aparecia a predição de um novo código, o do Espírito da Verdade, como se vê em João, XIV. E o novo código surgiu pelas mãos de Allan Kardec, sob a orientação do Espírito da Verdade, no momento exato em que o mundo se preparava para entrar numa fase superior do seu desenvolvimento.



Hegel, em suas lições de estética, mostra-nos as criações monstruosas da arte oriental, — figuras gigantes, de duas cabeças e muitos braços e pernas, e outras formas diversas, — como a primeira tentativa do Belo para dominar a matéria e conseguir exprimir-se através dela. A matéria grosseira resiste à força do ideal, desfigurando-o nas suas representações. Mas acaba sendo dominada, e então aparecem no mundo as formas equilibradas e harmoniosas da arte clássica. Atingido, porém, o máximo de equilíbrio possível, o Belo mesmo rompe esse equilíbrio, nas formas românticas e modernas da arte, procurando superar o seu instrumento material, para melhor e mais livremente se exprimir. Essa grandiosa teoria hegeliana nos parece perfeitamente aplicável ao processo das revelações cristãs: das formas incongruentes e aterradoras da Bíblia, passamos ao equilíbrio clássico do Evangelho, e deste à libertação espiritual de "O Livro dos Espíritos".

Cada fase da evolução humana se encerra com uma síntese conceptual de todas as suas realizações. A Bíblia é a síntese da antiguidade, como o Evangelho é a síntese do mundo greco-romano-judaico, e "O Livro dos Espíritos" a do mundo moderno. Mas cada síntese não traz em si tão-somente os resultados da evolução realizada, porque encerra também os germens do futuro. E na síntese evangélica temos de considerar, sobretudo, a presença do Messias, como uma intervenção direta do Alto para a reorientação do pensamento terreno. É graças a essa intervenção que os princípios evangélicos passam diretamente, sem necessidade de readaptações ou modificações, em sua pureza primitiva, para as páginas deste livro, como as vigas mestras da edificação da nova era.

A CODIFICAÇÃO ESPIRITA

"O Livro dos Espíritos" não é, porém, apenas, a pedra fundamental ou o marco inicial da nova codificação. Porque é o seu próprio delineamento, o seu núcleo central e ao mesmo tempo o arcabouço geral da doutrina. Examinando-o, em relação às demais obras de Kardec, que completam a codificação, verificamos que todas essas obras partem do seu conteúdo. Podemos definir as várias zonas do texto, correspondentes a cada uma delas.

Assim como, na Bíblia, há o núcleo central do Pentateuco, e no Evangelho o do ensino moral do Cristo, no "Livro dos Espíritos" podemos encontrar uma parte que se refere a ele mesmo, ao seu próprio conteúdo: é o constante dos Livros I e II, até o capítulo quinto. Este núcleo representa, dentro da esquematização geral da codificação, que encontramos no livro, a parte que a ele corresponde. Quanto aos demais, verificamos o seguinte:

1.º) "O Livro dos Médiuns", seqüência natural deste livro, que trata especialmente da parte experimental da doutrina, tem a sua fonte no Livro II, a partir do capítulo sexto até o final. Toda a matéria contida nessa parte é reorganizada e ampliada naquele livro, principalmente a referente ao capítulo nono: "Intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo".

2.º) "O Evangelho segundo o Espiritismo" é uma decorrência natural do Livro III, em que são estudadas as leis morais, tratando-se



especialmente da aplicação dos princípios da moral evangélica, bem como dos problemas religiosos da adoração, da prece e da prática da caridade. Nessa parte o leitor encontrará, inclusive, as primeiras formas de "Instruções dos Espíritos", comuns àquele livro, com a transcrição de comunicações por extenso e assinadas, sobre questões evangélicas.

3.º) "O Céu e o Inferno" decorre do Livro IV, "Esperanças e Consolações", em que são estudados os problemas referentes às penas e aos gozos terrenos e futuros, inclusive com a discussão do dogma das penas eternas e a análise de outros dogmas, como o da ressurreição da carne, e os do paraíso, inferno e purgatório.

4.º) "A Gênese, os milagres e as predições", relaciona-se aos capítulos II, III e IV do Livro I, e capítulos IX, X e XI do Livro II, assim como a partes dos capítulos do Livro III que tratam dos problemas genésicos e da evolução física da terra. Por seu sentido amplo, que abrange ao mesmo tempo as questões da formação e do desenvolvimento do globo terreno, e as referentes a passagens evangélicas e escriturísticas, esse livro de codificação se ramifica de maneira mais difusa que os outros, na estrutura da obra-mater.

5.º) Os pequenos livros introdutórios ao estudo da doutrina, "O Princípante Espírita" e "O que é o Espiritismo", que não se incluem propriamente na codificação, também eles estão diretamente relacionados com "O Livro dos Espíritos", decorrendo da "Introdução" e dos "Prolegômenos".

A codificação se apresenta, pois, como um todo homogêneo e conseqüente. A luz desse estudo, caem por terra as tentativas de separar um ou outro livro do bloco da codificação, como possível expressão de uma forma diferente de pensamento. E note-se que as ligações aqui assinaladas, de maneira apenas formal, podem e devem ser esclarecidas em profundidade, por um estudo minucioso do conteúdo das diversas partes de "O Livro dos Espíritos", em confronto com os demais livros. Esse estudo exigiria, também, uma análise dos textos primitivos, como a primeira edição deste livro e a primeira de "O Livro dos Médiuns" e do "Evangelho", pois, como se sabe, todas essas obras foram ampliadas por Kardec depois de suas primeiras edições, sempre sob assistência e orientação dos Espíritos.

Num estudo mais amplo e profundo, seria possível mostrar-se o desenvolvimento de certos temas, que apenas colocados pelo "Livro dos Espíritos" vão ter a sua solução em obras posteriores. É o que se verifica, por exemplo, com as ligações do Cristianismo e o Espiritismo, que se definem completamente em "O Evangelho", ou com o problema controvertido da origem do homem, que vai ter a sua explicação definitiva em "A Gênese", ou ainda com as questões mediúnicas, solucionadas no "Livro dos Médiuns", e as teológicas e escriturísticas, no "Céu e o Inferno".

Convém notar, entretanto, que o desenvolvimento de todas essas questões não representa, em nenhum caso, a modificação dos princípios firmados neste livro. As vezes, problemas apenas aflorados em "O Livro dos Espíritos" vão ser desenvolvidos de tal maneira em outras obras, que, ao lê-las, temos a impressão de encontrar novidades. A verdade, entretanto, é que neste livro eles já foram assinalados de



Câmara Municipal de São Paulo

Folha no. 07	da proc.
no 770	de 1924

14

ALLAN KARDEC

maneira sintética. É o que ocorre, por exemplo, com o problema da evolução geral, definida por Leon Denis naquela frase célebre: "A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem". Veja-se, a este respeito, a definição do item 540 deste livro, que para maior fidelidade reproduzimos no original, podendo os leitores encontrar a tradução no lugar próprio:

...."C'est ainsi que tout sert, tout s'enchaîne dans la nature depuis l'atome primitif jusqu'à l'archange, qui lui même a commencé par l'atome; admirable lot d'harmonie dont votre Esprit borné ne peut encore saisir l'ensemble".

ALLAN KARDEC

OBRAS PÓSTUMAS

*É preciso propagar a moral
e a verdade — (MUMS)*

TRADUÇÃO REVISTA
DA EDIÇÃO FRANCESA
POR
JOÃO TEIXEIRA DE PAULA

1.^a EDIÇÃO

COMEMORATIVA DO
30.^o ANIVERSÁRIO
DA



LAKÉ - LIVRARIA ALLAN KARDEC EDITORA
Rua Dem Duarte Leopoldo, 170 — C. Postal 15.190 - Z. P. 12 — S. PAULO

Folha n.º	98
n.º	150
de	1994
de proc.	

BIOGRAFIA DE ALLAN KARDEC

Ainda sob a dolorosa impressão do prematuro desencarne do venerável fundador da doutrina espírita, vamos empreender uma tarefa que seria fácil e simples para as sábias e experimentadas mãos dêle, mas que seria impossível para nós se não contássemos com o eficaz concurso dos benévolos Espíritos e com a indulgência dos leitores.

Quem, entre nós, sem ser taxado de presunçoso, poderia possuir o espírito de método e organização com o qual se iluminam os trabalhos do mestre? Só aquela robusta inteligência poderia empregar tanto material, de natureza tão diversa, triturá-lo, transformá-lo, para esparzi-lo como saudável orvalho pelas almas sequiosas de conhecer e de amar.

Incisivo, conciso, profundo, sabia agradar e fazer-se compreender através de uma linguagem simples e elevada, tão afastada do estilo familiar como das obscuridades da metafísica.

Multiplicando-se incansavelmente, conseguiu êle sozinho basta a tudo; como porém aumentasse, dia a dia, o trabalho pelo alargamento das relações e pelo incessante desenvolvimento do Espiritismo, preciso lhe foi valer-se de auxiliares inteligentes.

Nesse ponto, quando preparava simultaneamente a reorganização da doutrina e das suas obras, deixou-nos para ir a mundo melhor colhêr o prêmio da missão cumprida e reunir os elementos de nova empresa de devotamento e labôres.

Ele só bastou a tudo! E nós, que nos podemos chamar legião, temos a convicção de que só nos manteremos à altura da situação se, não obstante a nossa fraqueza e inexperiência — nos firmamos nos princípios estabelecidos por êle, numa evidência incontestável, para a execução dos projetos que desejava realizar para o futuro.

Enquanto seguirmos a senda por êle traçada e enquanto tôdas as boas vontades se unirem num esforço comum para o progresso e regeneração intelectual e moral da humanidade, o Espírito do grande filósofo estará conosco e nos auxiliará com a sua poderosa influência.

Folha n.º	199	da proc.
n.º	199	do 1924

Possa êle suprir-nos a insuficiência tanto quanto possamos nós merecer dêle adjutório, consagrando-nos à obra, senão com tanto devotamento e sinceridade, pelo menos com ciência e inteligência.

ALLAN KARDEC havia inscrito em sua bandeira o lema: trabalho, solidariedade, tolerância.

Sejamos como êle, infatigáveis, e, como o desejava, tolerantes e solidários; sigamos-lhe o exemplo, lançando de contínuo à arena os princípios ainda pendentes de discussão.

Apelemos para o concurso e para as luzes de todos e procuremos caminhar com segurança, em vez de o fazermos com celeridade, certos de que assim os nossos esforços não serão infrutíferos, sobretudo se, como o esperamos, e seremos os primeiros a dar exemplo, nos esforçarmos cada um de nós por cumprir o dever, pondo de parte as questões pessoais para só cuidarmos do interesse comum.

Não podíamos entrar, com melhores auspícios, em a nova fase aberta ao Espiritismo, do que tornando conhecido dos nossos leitores, em rápido excurso, o que foi, em tôda a sua vida, o homem íntegro e honrado, o sábio de escol, fecundo, cujo nome passará à posteridade cercado da auréola própria de benfeitores da humanidade.

Nascido em Lião, a 3 de outubro de 1804, de antiga família que se distinguiu na magistratura e no fôro, ALLAN KARDEC (Léon-Hippolyte-Denizart Rivail) não seguiu a carreira dos avoengos, sentindo-se, desde os verdes anos, atraído pelos estudos da ciência e da filosofia.

Matriculado na Escola de Pestalózzi, em Yverdun (Suiça), tornou-se um dos mais aplicados discípulos daquele eminente professor e um dos mais zelosos propagadores do seu sistema de educação, que tão grande influência exerceu na reforma dos estudos de Alemanha e de França.

Dotado de notável inteligência e atraído para o ensino por vocação e especiais aptidões, desde os quatorze anos ensinava aos condiscípulos menos adiantados o que ia aprendendo.

Foi com essas leccionações que se lhe desenvolveram as idéias, que mais tarde deveriam colocá-lo entre os homens do progresso e do livre pensamento.

Nascido na religião católica, mas educado no protestantismo, serviram-lhe os atos de intolerância por que passou, de incentivo, em boa hora, ao pensamento de uma reforma religiosa, na qual trabalhou, em silêncio, por dilatados anos, procurando alcançar o meio de unificar as crenças, sem que pu-

desse descobrir, entretanto, o elemento indispensável para a solução do grande problema.

Foi o Espiritismo que, mais tarde, lhe facultou êsse meio, imprimindo-lhe aos trabalhos particular orientação.

Concluídos os estudos, tornou à França; possuindo profundo conhecimento da língua alemã, traduziu para ela diferentes obras de educação e moral, entre as quais, o que é característico, as de Fénélon, que mui particularmente o seduziram.

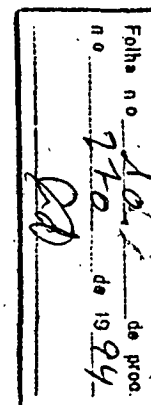
Era membro de muitas sociedades científicas e entre elas a da Academia Real de Arras, que, no concurso de 1831, lhe coroou uma notável memória acêrca da questão: Qual o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades da época?

De 1835 a 1840, fundou em sua casa, na Rua Sèvres, cursos gratuitos de física, química, anatomia comparada, astronomia, etc. — emprêsa digna de encômios em qualquer tempo, mas principalmente numa época em que bem poucos eram os interessados que se aventuravam por aquela senda.

Sempre empenhado em tornar atraentes e interessantes os sistemas de educação, inventou, ao mesmo tempo, um método engenhoso para aprender a contar e um quadro mnemônico da História de França, cujo objetivo era fixar na memória as datas dos mais notáveis acontecimentos, bem como os descobrimentos que ilustram cada reinado.

Entre as numerosas obras de educação, podemos citar as seguintes: Plano para o melhoramento da instrução pública, 1828. — Curso prático e teórico de aritmética, segundo o método de Pestalózzi, para uso de professôres e de mães de família, 1829. — Gramática francesa clássica, 1831. — Manual para exames de capacidade. Soluções racionais de questões e problemas de aritmética e de geometria, 1846. — Catecismo gramatical da língua francesa, 1848. — Programa dos cursos ordinários de física, química, astronomia, fisiologia (que êle dava no Liceu Polimático). — Pontos para os exames da Câmara Municipal e da Sorbonne, acompanhados de Instruções especiais sôbre as dificuldades ortográficas, 1849, obra muito estimada na ocasião da qual ainda recentemente se faziam novas edições.

Antes que o Espiritismo lhe viesse popularizar o pseudônimo de ALLAN KARDEC, havia êle, como se vê, sabido ilustrar-se com trabalhos de natureza mui diversa, os quais tinham por finalidade esclarecer a massa popular, prendendo-a ainda mais ao sentimento de família e ao amor de pátria.



“Em 1855, quando se começou a tratar das manifestações de Espíritos, ALLAN KARDEC dedicou-se a perseverantes observações do fenômeno e cuidou principalmente de lhe deduzir as conseqüências filosóficas; entreviu de longe o princípio de novas leis naturais; aquelas que regem as relações entre o mundo visível e invisível. Reconheceu, nas manifestações dêste, uma das forças da natureza, cujo conhecimento devia projetar luz a uma infinidade de problemas considerados insolúveis. Finalmente percebeu a relação de tudo aquilo com pontos de vista religiosos.

“As suas principais obras acêrca da nova matéria são: **O Livro dos Espíritos**, para a parte filosófica, cuja primeira edição apareceu a 18 de abril de 1857. **O Livro dos Médiuns**, para a parte experimental e científica, publicada em janeiro de 1861. **O Evangelho segundo o Espiritismo**, para a parte moral, publicada em abril de 1864. **O Céu e o Inferno**, ou **A Justiça de Deus segundo o Espiritismo**, agôsto de 1865. **A Gênese, os Milagres e as Predições**, janeiro de 1868. **A Revista Espírita**, órgão de estudos psicológicos, publicação mensal começada em 1 de janeiro de 1858.

“Fundou em Paris, a 1 de abril de 1858, a primeira sociedade espírita regularmente constituída, com o nome de **Société parisienne des études spirites**, cujo fim exclusivo era o estudo de tudo quanto pudesse contribuir para o progresso da nova ciência.

“ALLAN KARDEC se defendeu admiravelmente da pecha de haver escrito sob a influência de idéias preconcebidas ou sistemáticas. Homem de caráter frio e severo, observara os fatos e das observações deduziu as leis que os regem; foi o primeiro que, a propósito desses fatos, estabeleceu teoria e constituiu um corpo de doutrina, regular e metódico. Demonstrando que os fatos, falsamente chamados sobrenaturais, são sujeitos a leis, os subordinou à categoria dos fenômenos da natureza, e fez ruir, assim, o último reduto do maravilhoso, que é uma das causas da superstição.

“Durante os primeiros anos de preocupação com os fenômenos espíritas, foram êstes mais objeto de curiosidade que de meditações sérias.

O Livro dos Espíritos fez com que fôsem encarados por outra face: desprezaram-se as mesas falantes, que tinham sido o prelúdio e se ligou o fenômeno a um corpo de doutrina, que compreendia questões concernentes à humanidade.

“Da aparição do livro data a verdadeira fundação do Espiritismo, que até então só possuía elementos esparsos, sem

coordenação, e cujo alcance não tinha sido compreendido por todos. Também foi desde aquela época que a doutrina prendeu a atenção dos homens sérios e adquiriu rápido desenvolvimento.

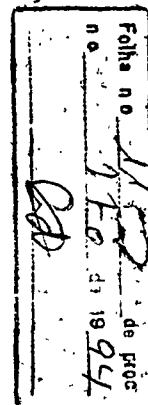
“Em poucos anos, as idéias espíritas contavam com numerosos aderentes nas classes sociais e em todos os países. O êxito, sem precedentes, é obra da simpatia que essas idéias encontram, mas também é devido, em grande parte, à clareza característica dos escritos de ALLAN KARDEC.

“Abastendo-se das fórmulas abstratas da metafísica, o autor soube fazer-se ler sem fadiga, condição essencial para vulgarização de uma idéia. Sobre todos os pontos de controvérsia, a sua argumentação, de uma lógica cerrada, oferece pouco material à contestação e predispõe o antagonista à convicção.

“As provas materiais, que o Espiritismo fornece tanto da existência da alma como da vida futura, derrocaram as idéias materialistas e panteístas. Um dos princípios mais fecundos da doutrina, o qual decorre do precedente, é o da pluralidade das existências, já entrevista por inúmeros filósofos antigos e modernos e, nestes últimos tempos, por Jean Reynaud, Charles Fourier, Eugène Sue e outros; mas tinha ficado no estado de hipótese, ao passo que o Espiritismo demonstra a sua realidade e prova que é um dos atributos essenciais da humanidade. Dêsse princípio decorre a solução de tôdas as anomalias aparentes da vida humana, de tôdas as desigualdades intelectuais, morais e sociais. O homem sabe assim donde vem, para onde vai, para que fim está na Terra e por que sofre aqui.

“As idéias inatas explicam-se pelos conhecimentos adquiridos em vidas anteriores; o caminhar dos povos explica-se pelos homens do tempo passado, que voltam a esta vida, depois de terem progredido; as simpatias e as antipatias, pela natureza das relações anteriores, relações que ligam a grande família humana de tôdas as épocas aos altos princípios da fraternidade, da igualdade, da liberdade e da solidariedade universal, têm por base as mesmas leis a Natureza e não mais uma teoria.

Em vez do princípio: **Fora da Igreja não há salvação**, que mantém a divisão e a animosidade entre as diferentes seitas e que tanto sangue tem feito correr — o Espiritismo tem por máxima: **Fora da caridade não há salvação**, isto é, a igualdade dos homens perante Deus, a liberdade da consciência, a tolerância e a benevolência mútuas. Em vez da fé cega, que aniquila a liberdade de pensar, ensina: a fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em tôdas as épocas da humanidade; para a fé é preciso uma base e esta é a inteligên-



cia perfeita do que se deve crer; para crer não basta ver, é preciso sobretudo compreender; a fé cega não é mais dêste século; ora, é precisamente o dogma da fé cega que produz hoje o maior número de incrédulos, por querer impor-se, exigindo a alimentação das mais preciosas faculdades do homem: o raciocínio e o livre arbítrio. (Evangelho segundo o Espiritismo).

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro a iniciar o trabalho e o último a deixá-lo, ALLAN KARDEC sucumbiu a 31 de março de 1869, em meio dos preparativos para mudar de domicílio, como lho exigia a extensão considerável das múltiplas ocupações.

Numerosas obras, que tinha em mão, ou que só esperavam oportunidade para vir a lume, provar-lhe-ão um dia a magnitude das concepções.

Morreu como viveu: trabalhando. Desde longos anos sofria do coração, que reclamava, como meio de cura, o repouso intelectual, com pequena atividade material. Ele, porém, inteiramente entregue às obras, negava-se a tudo o que lho roubasse um instante das suas ocupações de predileção.

Nêle, como em tôdas as almas de boa têmpera, a lima do trabalho gastou o aço do invólucro. O corpo, entorpecido, recusava-lhe os serviços; mas o espírito, cada vez mais vivaz, mais enérgico, mais fecundo, alargava-lhe o círculo da atividade. Na luta desigual a matéria nem sempre podia resistir. Um dia foi vencida: o aneurisma rompeu-se e ALLAN KARDEC caiu fulminado.

Um homem desapareceu da terra, mas o seu grande nome tomou lugar entre as ilustrações do século e um culto espírito foi retemperar-se no infinito, onde aquêles, que êle próprio havia consolado e esclarecido, lhe esperavam a volta com paciência.

"A morte, dizia mui recentemente, a morte amiúda os golpes na falange dos homens ilustres!... A quem virá ela agora libertar?"

Foi êle, depois de tantos outros, retemperar-se no espaço e buscar outros elementos para renovar o organismo gasto por uma vida de labôres incessantes. Partiu com aquêles que virão a ser os luminares da nova geração, a fim de voltar com êles para continuar e concluir a obra que deixou confiada a mãos dedicadas.

O homem deixou-nos, mas a sua alma será sempre conosco. É um protetor seguro, uma luz a mais, um labutador infatigável, que foi aumentar as fôrças das falanges do espaço.

Como na Terra, saberá moderar o zêlo dos impetuosos, secundar as intenções dos sinceros e dos desinteressados, estimular os vagarosos — saberá enfim, sem ferir a ninguém, fazer com que todos lhe ouçam os mais convenientes conselhos.

Ele vê e reconhece agora o que ainda ontem apenas previa. Não mais está sujeito às incertezas e aos desfalecimentos e contribuirá para participarmos das suas convicções, fazendo-nos alcançar a meta, dirigindo-nos pelo bom caminho, tudo nessa linguagem clara, precisa, que constitui um característico nos anais literários.

O homem, nós o repetimos, deixou-nos, mas ALLAN KARDEC é imortal, e a sua memória, os trabalhos, o Espírito, estarão sempre com aquêles que sustentarem com firmeza e elevação a bandeira, que êle sempre soube fazer respeitar.

Uma individualidade pujante construiu o monumento. Esse monumento será para nós na Terra a personificação daquela individualidade. Não se congregarão em tórno de ALLAN KARDEC: congregar-se-ão em tórno do Espiritismo, que é o monumento por êle erigido. Através dos conselhos dêle, sob a sua influência, caminharemos com passo firme para essas fases venturosas prometidas à humanidade regenerada.

(Revue Spirit. Maio 1869).

Folha n.º	115
n.º	170
da	1924
da proc.	

DISCURSO PRONUNCIADO NO TÚMULO
DE ALLAN KARDEC

por
CAMILLE FLAMMARION

Senhores:

Anuindo com satisfação ao convite dos amigos do laborioso pensador, cujo corpo terrestre aqui jaz a nossos pés, eu me lembro de um dia triste de dezembro de 1865.

Pronunciara então naquele dia o supremo adeus ao pé do túmulo do fundador da livraria acadêmica, o honrado Didier, que foi, como editor, colaborador convicto de ALLAN KARDEC na publicação das obras fundamentais de uma doutrina, que lhe era cara; morreu também súbitamente, como se o céu quisesse poupar aos dois íntegros Espíritos a dificuldade filosófica de saírem desta vida por modo diferente do geral.

A mesma reflexão tem cabimento a respeito do nosso antigo colega Jobard, de Bruxellas.

Hoje a minha tarefa é mais árdua, porque desejaria poder descrever aos que me ouvem, e a de milhões de pessoas, que em o Nôvo Mundo se têm preocupado com o problema, ainda misterioso, dos fenômenos chamados espíritas, desejaria, como vinha dizendo, poder descrever-lhes o interesse e o futuro filosófico do estudo do fenômeno, ao qual se têm dedicado, como ninguém o ignora, homens eminentes entre os nossos contemporâneos.

Muito folgaria com lhes fazer entrever que horizontes desconhecidos ao pensamento humano se desdobrarão diante dos olhos, à medida que se alargaram os conhecimentos positivos das forças naturais em ação ao pé e em torno de nós. Estimaria mostrar-lhes que êsses conhecimentos são o mais eficaz antídoto da lepra do ateísmo, que parece infeccionar particularmente esta época de transição, e, finalmente, dar aqui público testemunho do relevante serviço que o autor de *O Livro dos Espíritos* prestou à filosofia, provocando a atenção e a discussão de fatos até então pertencentes ao domínio mórbido e funesto das superstições religiosas.

Seria, com efeito, de suma importância fazer sentir aqui, diante dêste grande túmulo, que o exame metódico dos fenômenos erradamente chamados sobrenaturais, em vez de levantar o espírito de superstição e de abater as energias da razão, dissipa, muito ao contrário, os erros e as ilusões da ignorância, e fomenta melhor o progresso do que a negação ilegítima daqueles que se não querem dar ao trabalho de ver as coisas.

Não é porém aqui o lugar azado para uma discussão irreverente. Deixemos somente baixar dos nossos pensamentos, sobre a face impassível do homem deitado ante nós, os testemunhos de afeto e sentimentos de saudade, que formem em torno dêle e do seu túmulo uma atmosfera balsâmica de eflúvios do coração.

Já que sabemos que sua alma imortal sobrevive aos despojos mortais, assim, como preexistiu a êles; que laços indestrutíveis ligam o mundo visível ao mundo invisível; que esta alma existe hoje tão completa como há três dias e que não é impossível achar-se entre nós agora; digamos-lhe que não queremos ver dissipar-se a sua imagem corpórea e encerrar-se no sepulcro sem lhe honrar unânimemente os trabalhos e a memória, sem pagar o tributo de reconhecimento à sua encarnação terrestre, tão útil e dignamente preenchida.

Em breves traços esboçarei as principais linhas da sua carreira literária.

Morto na idade de 65 anos, ALLAN KARDEC consagrou a primeira parte da sua vida a escrever obras clássicas, elementares, destinadas, principalmente, ao uso dos preceptores da mocidade. Quando, em 1855, as manifestações consideradas novas, das mesas falantes, das pancadas sem causa apreciável dos movimentos insólitos de objetos e de móveis, começaram a atrair a atenção pública e chegaram a produzir nas imaginações irrequietas uma espécie de febre, por causa da novidade das experiências, ALLAN KARDEC, estudando a um tempo o magnetismo e os seus singulares efeitos, acompanhou, com a maior paciência e a mais judiciosa perspicácia, as experiências e as tentativas, tão numerosas, levadas a efeito em Paris. Recolheu e coordenou os resultados obtidos por essa longa observação e, com êles, compôs um corpo de doutrina publicado em 1857 com a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*.

Todos sabeis quão grande êxito alcançou essa obra em França e no estrangeiro. Havendo já alcançado a 15.^a edição, tem espalhado por tôdas as classes a doutrina elementar, que não é nova, pois a escola de Pitágoras, na Grécia, e a dos druidas, na nossa pobre Gália, ensinavam os seus princípios fun-

Folha n.º 13
n.º 120 de 1994
de proc.

damentais conquanto revestisse uma forma de ocasião por sua correspondência com os fenômenos.

Depois dessa primeira obra, apareceram sucessivamente **O Livro dos Médiuns, ou Espiritismo experimental, Que é o Espiritismo?** ou resumo sob a forma de perguntas e respostas, **O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese.** A morte surpreendeu-o no instante em que, infatigavelmente ativo, trabalhava numa obra sobre a relação do magnetismo com o Espiritismo.

Pela *Revue Spirite* e pela *Société Spirite*, de que era presidente, de Paris, tinha-se constituído, de certa maneira, o centro para onde tudo convergia, o traço de união de todos os experimentadores.

Há meses, percebendo que estava próximo o seu fim, preparou as condições de vitalidade para aquêles estudos, depois da sua morte, e fundou um Diretório Central, que o substituiu-se. Provocou rivalidades, fêz escola de caráter um tanto pessoal e deixou uma como que divisão entre **espiritualistas e espíritas.**

Daqui para diante, senhores (tal é pelo menos o voto dos amigos da verdade), devemos ser todos unidos pelos laços da mais fraternal solidariedade, empregando os mesmos esforços na elucidação do problema, pelo desejo geral e impessoal da verdade e do bem.

Objetou-se ao digno amigo, a quem rendemos hoje as derradeiras homenagens, não ser êle o que chamamos um sábio; não ter sido físico, naturalista, astrônomo e ter preferido constituir um corpo de doutrina moral a ter aplicado a discussão científica à realidade e à natureza dos fenômenos.

Talvez, senhores, fôsse melhor que as coisas tivessem assim começado. É preciso sempre não amesquinhar o valor do sentimento. Quantas consolações tem levado aos corações esta crença religiosa! Quantas lágrimas tem enxugado! Quantas consciências se têm aberto aos raios da beleza espiritual!

Ninguém é feliz na Terra, onde muitas afeições são despedaçadas, onde muitas almas têm sido envenenadas pelo ceptismo. Não é de grande valia ter trazido ao espiritualismo tantos seres, que flutuavam num mar de dúvidas e eram indiferentes à vida física e à intelectual?

Tivesse ALLAN KARDEC sido homem de ciência que sem dúvida não teria podido prestar êsses benéficos serviços, nem levar tão longe o estímulo para os corações. Êle foi o que simplesmente chamarei "o bom senso encarnado". Razão firme e judiciosa, applicava sem omissão, à sua obra permanente, as íntimas indicações do senso comum.

Não era essa uma qualidade somenos na ordem das coisas, que nos ocupam. Era seguramente a primeira de tôdas e a mais preciosa, sem a qual a obra não se teria popularizado nem distendido pela terra as suas grandes raízes.

A maior parte dos que se têm dedicado a êsses estudos se lembram de haver, na mocidade ou em circunstâncias especiais, sido testemunhas de inexplicáveis manifestações. Bem poucas são as famílias que não as tenham observado. O essencial era aplicar-lhes a razão firmada no bom senso e examiná-las segundo os princípios do método positivo; como previra o fundador dêsse estudo lento e difícil, deve êle, em sua complexidade, entrar agora no período científico.

Os fenômenos físicos, que a princípio não provocavam exame sério, devem ser objeto da crítica experimental, a que devemos a glória dos modernos progressos e as maravilhas da eletricidade e do vapor. Êsse método deve também abranger os fenômenos de ordem ainda maravilhosa, a que temos assistido, para dissecá-los, medi-los, defini-los.

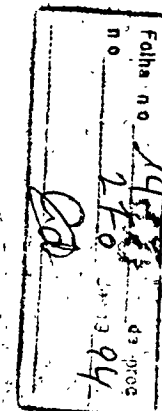
Porque, senhores, o Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência, da qual apenas conhecemos o a-bê-cê. Já passou o tempo dos dogmas.

A natureza abarca o universo, e o próprio Deus, que outrora se considerava feito à imagem do homem, não pode ser agora considerado pela metafísica moderna senão como um **Espírito na natureza.** Não existe o sobrenatural.

As manifestações obtidas por médiuns, como as do magnetismo e do sonambulismo, são de ordem natural e devem ser rigorosamente submetidos ao cadinho da experiência. Não há milagres. Assistimos ao romper da aurora de uma ciência desconhecida. Quem poderá prever a que conseqüências conduzirá, no mundo do pensamento, o estudo positivo dessa nova psicologia?

A ciência governa o mundo daqui para diante e, senhores, não será descabido neste discurso fúnebre acentuar a sua obra atual e as induções novas, que ela nos descobre, precisamente com referência às nossas pesquisas.

Nunca em época alguma da história a ciência deslumbrou a vista dos homens com tão grandiosos horizontes. Sabemos hoje que a Terra é um astro e que a nossa vida atual se completa no céu. Pela análise da luz, conhecemos os elementos de combustão, no sol e nas estrêlas, a milhões e a trilhões de léguas do nosso observatório terrestre. Pelo cálculo, possuímos a história do céu e da terra, tanto em seu passado mais remoto,



como em seu futuro, os quais não existem para as leis imutáveis. Pela observação, determinamos o pêso dos globos celestes, que gravitam no espaço. O globo que habitamos é um átomo estelar perdido nas profundezas infinitas do espaço e a nossa própria existência é uma fração infinitesimal da nossa vida eterna.

O que porém mais nos pode impressionar é o admirável resultado dos trabalhos físicos realizados nestes últimos anos: que vivemos no meio de um mundo invisível em constante agitação ao nosso redor. Sim, meus senhores, isto é para nós uma extraordinária revelação.

Contemplai, por exemplo, a luz neste momento difundida na atmosfera por este brilhante sol; contemplai este azul tão suave da abóbada celeste; apreciái estes eflúvios de ar tépido, que nos acariciam as faces; reparai nestes monumentos e nestes; campos; e por mais que tenhamos os olhos abertos, nada vemos do que aqui se passa!

De cem raios de sol apenas um terço é acessível à nossa vista, diretamente ou refletidos por estes corpos; os dois terços existem e agem juntos de nós, mas de modo invisível, embora real. São quentes, conquanto não sejam luminosos para nós e são muitos mais ativos do que aquêles que nos tocam; produzem as ações químicas. (1) São êles que elevam, sob forma também invisível, o vapor d'água na atmosfera, de que se formam as nuvens; exercendo assim, incessantemente, em torno de nós e de maneira oculta e silenciosa, um movimento colossal, comparável ao esforço de milhares de cavalos.

Se os raios caloríficos e químicos, que agem constantemente na natureza, nos são imperceptíveis, é porque os primeiros ferem lentamente, e os segundos rapidamente a nossa retina. Os nossos olhos só percebem os objetos entre dois limites, aquém e além dos quais nada vêem.

O nosso organismo terrestre pôde ser comparado a uma harpa de duas cordas, que são o nervo ótico e o auditivo. Uma certa espécie de movimento põe em vibração o primeiro, e outra espécie diferente, o segundo. Vai nisso toda a sensação humana, mais fraca que a de certos seres vivos, de certos insetos, por exemplo, nos quais as cordas da vista e da audição são mais delicadas.

(1) É insensível a êsses raios a nossa retina. São, porém, vistos por outras substâncias, como o iôdo e os sais de prata. Fotografa-se o espectro solar químico, que os nossos olhos não vêem. Ao ser retirado da câmara escura, a placa fotográfica nunca oferece uma imagem visível, embora a possua, como prova a operação química que a faz aparecer. (Nota do revisor francês.)

Ora, na natureza existem, na realidade, não duas, mas dez, cem, mil espécies de movimentos. A física ensina, pois, que vivemos no meio de um mundo invisível e que não é impossível que seres, igualmente invisíveis, vivam na terra, com sensações absolutamente diferentes das nossas, sem que lhes possamos apreciar a presença, salvo quando se nos manifestam por fatos pertencentes à ordem das sensações.

Diante de tais verdades, que começam a bruxulear, quanto é absurda e sem valor a negação a priori!

Quando se compara o pouco que sabemos e a exigüidade da nossa esfera de percepção, à quantidade do que existe, não se pode deixar de concluir que nada sabemos, que tudo nos falta conhecer.

Com que direito, pois, pronunciaremos a palavra "impossível" diante dos fatos, que testemunhamos, sem podermos descobrir a causa única?

A ciência fornece-nos dados tão autorizados como os precedentes sobre os fenômenos da vida e da morte e sobre a força que nos anima. Basta-nos considerar a circulação das existências.

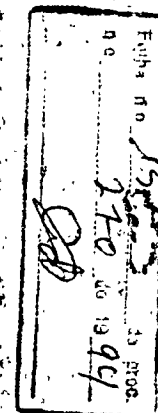
Tudo é metamorfose. Em seu eterno curso, os átomos constitutivos da matéria passam incessantemente de um a outro corpo, do animal ao vegetal, da planta à atmosfera, da atmosfera ao homem, e o nosso corpo, durante a vida, muda constantemente de substância constitutiva, como a chama, que não brilha senão pela constante renovação de elementos; e, quando a alma o dispa, êsse corpo, tantas vêzes transformado, entrega definitivamente à natureza tôdas as suas moléculas para não mais retornar.

O absurdo dogma da ressurreição da carne é substituído hoje pela alta doutrina da transmigração das almas.

Vêde este sol de abril, que brilha nos céus e que nos inunda com os seus raios vivificadores. Acordam as campinas, desabrocham os primeiros rebentos das árvores, floresce a primavera, sorri o azul celeste e a ressurreição opera-se por toda a parte. Entretanto é da morte que surge toda esta vida; é das ruínas que lhe provém a animação!

Donde vem a seiva destas árvores, que reverdecem em campo de mortos? Donde vem a umidade que lhes alenta as raízes? Donde todos os elementos que lhes fazem aparecer, nas carícias de maio, as flôres silenciosas e os passarinhos cantadores?

Vêm da morte!... meus senhores; vêm desses cadáveres sepultados na noite sinistra dos túmulos!



Por lei suprema da natureza, o corpo material é um agregado transitório de partículas, que lhe não pertencem e que a alma agrupa, segundo um determinado tipo, para formarem órgãos, que a ponham em relação com o mundo físico. Enquanto o nosso corpo se renova, peça por peça, pela perpétua substituição das partículas, enquanto tomba um dia, massa inerte, para o túmulo, de que não mais se ergue, o nosso Espírito, ser pessoal, guarda sempre a identidade indestrutível e reina como soberano sobre a matéria de que se revestiu, estabelecendo por esse fato, constante e universal, a sua personalidade independente, a sua essência espiritual não sujeita ao império do tempo e do espaço, a sua grandeza individual, a sua imortalidade.

Em que consiste o mistério da vida? Por que laços se prende a alma ao organismo? Que os desfaz para que ela se escape? Sob que forma e em que condições existe ela depois da morte? Que recordações, que afetos guarda?

São êstes, meus senhores, outros tantos problemas que ainda estão longe de ser resolvidos e cujo conhecimento constituirá a ciência psicológica do futuro.

Podem alguns negar a existência da alma e de Deus, afirmar que não existe a verdade moral, que não há, na natureza, leis inteligentes e que nós, os espiritualistas, somos vítimas de pura ilusão.

Podem outros, ao contrário, declarar que conhecem, por particular privilégio, a essência da alma humana, a forma do Ser Supremo, o estado da vida futura, e qualificar-nos de ateus, porque a nossa razão não admite a sua fé. Uns e outros não poderão impedir que estejamos em face dos maiores problemas, que nos interessamos por estas coisas, que não nos são indiferentes e estranhas, e que tenhamos o direito de aplicar o método experimental da ciência contemporânea à pesquisa da verdade.

É pelo estudo positivo dos efeitos que se remonta ao conhecimento das causas. Na ordem dos estudos, genericamente denominados como de "Espiritismo", os fatos existem, embora não se conheça o modo da produção. Existem tão realmente como os fenômenos elétricos, luminosos, caloríficos, mas senhores, não lhes conhecemos nem a biologia, nem a fisiologia.

Que é o corpo humano? Que é o cérebro? Qual a ação absoluta da alma? Ignoramo-lo. Também ignoramos a essência da eletricidade, a essência da luz. É pois de suma sabedoria observar todos esses fatos, sem idéia preconcebida, e procurar descobrir as causas, que são porventura de espécies diversas e mais numerosas do que o temos suposto.

Que importa que joguem sobre este gênero de estudos o sarcasmo ou o anátema aquêles, cuja vista é turvada pelo orgulho ou por preconceitos, que os impedem de compreender os ansiosos desejos do nosso pensamento ávido de conhecer; mais alto elevaremos as nossas contemplações!

Tu foste o primeiro, mestre e amigo! Fostes o primeiro que, desde os meus primeiros passos na carreira astronômica, testemunhaste a mais viva simpatia por minhas deduções relativas à existência das humanidades celestes; pois que, do meu livro **Pluralidade dos Mundos Habitados**, fizeste a pedra angular do edifício doutrinário, que tinhas arquitetado em tua mente. Muitas vezes conversamos sobre essa vida celeste tão misteriosa, e agora, oh! alma, já sabes, por uma visão direta, em que consiste ela — a vida espiritual, para a qual voltaremos, embora dela nos esqueçamos enquanto aqui estamos.

Agora já pertencemos a esse outro mundo de onde viemos, e colhes o fruto dos teus estudos terrestres. O teu invólucro dorme a nossos pés, o teu cérebro está paralisado, os teus olhos fechados para nunca mais se abrirem, a tua palavra está extinta para não mais poder ser ouvida...

Bem sabemos que todos cairemos neste derradeiro sono, nesta inércia, neste pó. Não é pois neste invólucro que pomos a nossa glória e esperança. O corpo cai, mas a alma ergue-se e volta para o espaço.

Um dia seremos em melhor mundo, lá no céu imenso, onde se exercerão as nossas poderosas faculdades; continuaremos os estudos que, aliás, tinham, na terra, um teatro mui pequeno para que se desenvolvessem satisfatoriamente. Preferimos crer nesta verdade a julgar que estás todo inteiro neste cadáver, e que a tua alma tenha sido destruída pela cessação do movimento de um órgão.

A imortalidade é a luz da vida, como este brilhante sol é a luz da natureza.

Até logo, meu caro Allan Kardec, até logo.